

Ameaça ou ameaçada? As controvérsias sobre as múltiplas onças na Amazônia³²

Joana Macedo³³

Resumo: Onças podem ser ao mesmo tempo ameaça e ameaçadas? As controvérsias entre a Amazônia rural e a conservação podem habitar um *mundo comum*? Como um exercício de reflexão sobre essas questões, este trabalho traz uma caracterização da relação entre ribeirinhos e onças nas Reservas de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá e Amanã, promove uma discussão sobre como a legislação, gestores, cientistas e conservacionistas mediam essa relação, e sobre o conflito de interesses entre os atores humanos envolvidos. Quantas onças existem, qual a agência delas e o que provoca nos demais actantes? O que a ciência mede e quantifica a respeito das onças tem sempre correspondência com o que é posto em movimento em termos de política para a conservação? Fica evidente que o embate entre modos tradicionais de lidar com os problemas advindos da convivência com onças e o empenho em conservar esses animais se dá em uma arena onde o diálogo é falho e assimétrico. O objetivo foi por em evidência as controvérsias identificadas nas relações entre o mundo rural e a conservação, destacando possibilidades da Teoria Ator-Rede tanto para a compreensão da construção do conhecimento científico como para a política na relação entre onças e populações tradicionais e seus desdobramentos.

Palavras chave: Amazônia, onça, conservação, controvérsias, Teoria Ator-Rede

Contextualização: crise epistemológica no estudo da relação gente-onça

Conflito³⁴ entre populações humanas e animais silvestres (*Human-Wildlife Conflicts*) é um ramo bastante desenvolvido do estudo da relação e partição de recursos com animais silvestres e do

32 Este texto foi originalmente publicado no periódico Anuário Antropológico (v. 41, n. 1, 2016) com a colaboração de Rafael B. Santos (UNB), Fátima Branquinho (UERJ) e Helena Bergallo (UERJ).

33 Pós-graduada do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências, Ambiente e Sociedade, UERJ.

34 O estudo dos conflitos entre populações humanas e animais silvestres emerge com a crescente preocupação com a conservação da biodiversidade e demanda uma abordagem interdisciplinar para propor intervenções que atendam às necessidades das populações humanas afetadas e à conservação da fauna simultaneamente. Há controvérsias sobre a



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

conflito de interesses entre populações humanas afetadas negativamente pela fauna silvestre e conservacionistas. Felinos, em especial os de grande porte, são propensos a predação de criações de animais domésticos e, em alguns casos atacar pessoas, e por consequência são perseguidos. O abate de grandes felinos como retaliação ou prevenção a ataques de animais domésticos é uma das principais ameaças, que levaram às espécies a diferentes níveis de risco de extinção (Inskip & Zimmermann 2009: 18). Esforços têm sido feitos no intuito de recuperar populações reduzidas de felinos, como a proibição ou restrição de abates, criação de Unidades de Conservação e campanhas de sensibilização da opinião pública. No entanto, esses animais continuam a gerar prejuízo e insegurança para populações humanas, que, por conseguinte prosseguem com abates.

Como já mencionado, o conflito não se dá apenas entre os homens e felinos silvestres, mas também entre atores humanos com distintas vivências, que resultam por um lado em preocupações locais com a segurança, subsistência e perdas econômicas e por outro em preocupações globais com a depleção da biodiversidade e o equilíbrio ambiental. Os problemas decorrentes da relação conflituosa com a fauna silvestre na maior parte das vezes são sentidos por populações rurais e carentes, cujas vozes não ecoam para além de suas províncias (Quammen, 2007: 108-112). As discussões para a mitigação dos conflitos esbarram frequentemente em legislações rígidas e discursos ambientalistas, que muitas vezes não consideram a diversidade de situações e a vulnerabilidade dessas populações humanas. No Brasil a relação conflituosa entre populações humanas e animais silvestres está atualmente sendo tratada sob um forte viés conservacionista, pelo menos no que tange a chamada fauna carismática³⁵. Com relação a felinos, poucos estudos sobre o tema consideraram a dimensão humana do problema (Amancio *et al.*, 2007; Marchini, 2010).

Considero aqui o referencial teórico segundo o qual “ramos de estudo” ou “áreas de conhecimento” são traduções de como grupos de cientistas assumem, em seus projetos de pesquisa, a relação entre natureza e cultura ou, em outras palavras, a relação das *coisas-em-si* com os *homens-*

pertinência da palavra conflito para designar essa relação negativa com a fauna silvestre e seus desdobramentos, mas o termo já se consolidou na literatura internacional sobre o tema, e por isso será adotado aqui.

35 Fauna carismática é um termo usado para espécies animais que, seja por sua beleza, porte ou carisma atribuído, exercem grande apelo popular para a causa conservacionista.

entre-eles (Latour, 1994). Portanto, tais modos de dar pouca atenção à dimensão humana nos estudos que tratam da relação entre homens e animais silvestres são reflexos de uma ciência essencialmente disciplinar e impregnada da divisão modernista, onde a natureza está separada da cultura e a ciência está separada da política.

Este trabalho trata da relação entre populações ribeirinhas³⁶ e onças (*Panthera onca* e *Puma concolor*) e seus desdobramentos, ou movimentos/agenciamentos que ela produz, nas Reservas de Desenvolvimento Sustentável (RDS) Mamirauá e Amanã, situadas na região do Médio Solimões, Estado do Amazonas. O estudo que precede esse texto (Macedo, 2015) foi feito com base em entrevistas, reuniões e conversas informais com os ribeirinhos das duas Reservas entre os anos de 2010 e 2013, referências bibliográficas científicas e de divulgação, notícias e discussões em fóruns científicos, na experiência de trabalho com ecologia de onças entre 2007 e 2011, e nas interações com pesquisadores, gestores e ambientalistas.

O estudo da relação entre ribeirinhos e onças em Mamirauá e Amanã deixa evidente uma disputa entre atores humanos com mundos vividos e objetivos distintos. Essa disputa envolve o modo de vida tradicional de moradores da floresta amazônica, legislação ambiental, ciência e conservação. Pode-se dizer que há uma clara controvérsia entre atores humanos, derivada da sua relação, concreta ou projetada, com as onças. Ao tratar de uma questão que envolve não-humanos que têm agência e humanos com discurso controverso e assimétrico, consideramos adequado fazer o esforço metodológico para superar a divisão entre natureza e cultura e incorporar a política na prática científica. Para descrever as controvérsias dessa relação foi usada como ferramenta teórico-metodológica a teoria ator-rede, proposta por Bruno Latour (1994). Nesse trabalho a proposta foi assumir as múltiplas ontologias das onças, evidenciando as controvérsias no discurso do saber e da vivência tradicional e no repertório científico/conservacionista.

Relação ribeirinho-onça: saber tradicional, repertório científico e suas controvérsias

36 Como referência para descrever a população ribeirinha no Amazonas foi usada como principal fonte a tese de Débora Lima (Lima-Ayres, 1992). A autora discorre a respeito da formação de uma população rural amazônica remontando à história de sua formação desde a ocupação colonial por imigrantes portugueses, a dinâmica dos povos indígenas, as missões católicas e os imigrantes nordestinos dos dois ciclos da borracha. Desses eventos se originou a população, indígena e ribeirinha, que hoje habita as margens de rios e lagos no Médio Solimões.



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

Tendo como base o conceito de rede sociotécnica proposto por Latour (1994), foram identificados os atores que compõem a rede da relação entre onças e ribeirinhos nas RDS Mamirauá e Amanã. Na rede se conectam além de ribeirinhos e onças, os animais domésticos, os modos de produção, a floresta e seu mosaico de áreas de uso, a caça, as armas, os representantes de órgãos ambientais, os gestores das Reservas, pesquisadores, ambientalistas, a legislação, a opinião pública, entre outros grupos em formação no espaço de tempo da pesquisa (Macedo *et al.*, 2015). A noção de rede revelou que onças, no plural, não era uma questão quantitativa, mas ontológica.

As várias onças

“Ela não é grande demais não. É cangussú, cabeçudinha, afora as pintas ela é amarela, clara, clara. Tempo da seca, elas inda tão mais claras. Pele que brilha, macia, macia. Pintas, que nenhuma não é preta mesmo preta, não: vermelho escuronas, assim ruivo roxeado. Tem não? Tem de tudo. Mecê já comparou as pintas e argolas delas? Cê conta, pra ver: varêia tanto, que duas mesmo iguais cê não acha, não... (...) Tinha medo só de um dia topar com uma onça grande que anda com os pés pra trás, vindo do mato virgem... Será que tem, será?” (Trechos do conto “Meu tio o Iauaretê”, Guimarães Rosa, 2001: 209, 219)

Assim como no conto de Guimarães Rosa, onde aparecem vários nomes e descrições para as onças, o contato direto com esses animais faz surgir diversas classificações, decorrentes de variações entre os indivíduos. Múltiplas onças surgiram em entrevistas e conversas com os ribeirinhos: onça-pintada, onça-pintada da malha miúda, onça-pintada da malha graúda, onça-preta, onça-preta jandiá, onça-vermelha, onça-vermelha do lombo preto e onça-vermelha maçaroca foram as categorias mais recorrentes. Onças não catalogadas pela ciência também foram relatadas³⁷.

Um senhor contou que quando era mais novo tinha uma onça muito grande que rondava a comunidade. O pessoal tentava matar essa onça, iam atrás dela, atiravam, mas parece que o tiro nunca pegava, ela sempre escapava. Até que um ancião falou que aquela era uma *onça-planta*, e que não adiantava atirar nela, tinha que encontrar o pé de tajá da onça, cortar para tirar a força da dela, e depois matá-la. Então encontraram o pé de tajá, tinha muitos galhos, crescendo rente ao chão. Cortaram. Aí

37 Os relatos mencionados aqui são anônimos. Isso foi acordado durante as entrevistas para proteger a identidade dos entrevistados, já que eram frequentes os relatos de abates de onças.



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

foram caçar a onça, encontraram e mataram com um tiro. O couro da onça era duro de tanto chumbo. Os tiros ficavam na pele, mas não entravam no corpo do animal. Depois que mataram a sua planta, ela não tinha mais como resistir aos tiros e morreu também.

A *Onça-da-coleira-branca* foi mencionada duas vezes. O animal foi avistado em uma comunidade no fim da tarde, quando os moradores estavam jogando futebol. A onça estava na beira da mata, sentada, “apreciando o bate-bola”. Quando notada, fugiu para a mata e não foi mais vista. Em outro relato a onça apenas foi citada por um senhor como um dos tipos de onças que habitavam a floresta. A *onça-da-coleira-branca* foi descrita como uma onça-preta com uma faixa de pelos brancos ao redor do pescoço. Também houve uma menção à *onça-preta-do-peito-branco*. O informante estava tirando sorva, viu a onça espreitando na touceira, atirou, mas o tiro não pegou. A onça veio para cima dele, que conseguiu se livrar do ataque. É interessante notar que o primatólogo Marc van Roosmalen, que se empenha em descrever novas espécies de médios e grandes mamíferos amazônicos, anunciou em 2007 ter evidências de uma nova espécie de onça, nomeada onça-preta-da-garganta-branca (*white-throated black jaguar*). Esse animal seria maior que a onça-pintada, com a pelagem negra, sem rosetas³⁸, uma mancha branca na garganta e um tufo de pelos na ponta da cauda. Van Roosmalen tem como base principal para sua busca por novas espécies relatos de caçadores locais.

Houve três relatos de caça da *onça-tigre*. No primeiro, o ribeirinho conta que matou o animal, era um macho, como uma onça-pintada, mas era bicó (sem cauda), com as mãos viradas para trás, como a onça temida no conto de Guimarães Rosa citado acima. O pelo era bem curto no dorso e o peito peludo. A esposa do caçador viu o animal e confirmou a descrição. O segundo informante também matou a *onça-tigre* e mediu o animal, que tinha nove palmos (cerca de 1,80 metros) do queixo à base da cauda e 3,5 palmos de cauda (cerca de 70 cm). A pelagem tinha a parte ventral clara, sendo do queixo até o peito amarelada e na barriga branca, e a parte dorsal totalmente preta, sem rosetas. O pelo era bem curto e brilhante, e os olhos amarelos. Essa *onça-tigre* foi morta ao atacar o cachorro que andava com o ribeirinho. Ele levou uma pata e uma orelha da *onça-tigre* para a comunidade, para

38 Nome dado às pintas das onças-pintadas. As onças-pretas também apresentam rosetas na pelagem, não sendo estas por tanto totalmente negras.



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

mostrar aos vizinhos que tinha matado uma onça diferente. A terceira *onça-tigre* foi morta em retaliação à predação de gado, e foi descrita por uma moradora como um macho, pintado, enorme e com as presas compridas, para fora da boca.

Um ribeirinho contou que seu vizinho matou uma *onça-pé-de-burro* e levou até a comunidade. Foi descrita como muito grande e muito fedida, parecida com uma anta, mas com mãos de onça e pés de burro. Em outro relato, um senhor contou que o avô, quando novo, matou uma família de *onça-pé-de-burro*, um casal e dois filhotes. Ele estava dormindo sozinho na mata, ouviu assovios, foi olhar e encontrou o casal de *onças-pé-de-burro*. Atirou nas duas, e quando amanheceu encontrou os dois filhotes delas. Disse que eram pretas, não trepavam em árvore, assoviavam que nem anta e tinham mãos de onça e pés de burro.

Na região da Foz do Rio Jutaí, indígenas Cocama descreveram a *onça-d'água*, animal que encontram principalmente no igapó, a floresta alagada. A *onça-d'água* seria parecida com uma onça-preta, mas viveria dentro da água “como o boto”, tendo a “mão feito pato” com membranas natatórias. Um senhor narrou o encontro com uma delas enquanto serrava madeira no igapó. Quando foi até a canoa buscar um serrote e um punhado de tabaco ele avistou o “lombo” fora da água. Então, ele e um amigo subiram numa árvore e esperaram que a onça fosse embora. A *onça-d'água*, enquanto ser aquático, não saberia subir em árvores e viveria com “a cabeça no fundo”. A *onça-d'água* foi citada em quatro outras ocasiões, onde os ribeirinhos informaram não terem visto o animal, mas relataram encontros de vizinhos ou parentes. Embora não tenham dado nenhuma descrição detalhada desse animal, afirmaram não se tratar de uma ariranha (chamada de *onça-d'água* em algumas regiões), e sim de um tipo diferente de onça que vive no igapó.

Houve ainda menção a uma onça, avistada por um morador, que foi descrita como uma mistura da onça-pintada com a onça-preta: a cabeça era como da pintada, depois era preta e no meio do corpo era pintada. Não foi dado nenhum nome específico para essa onça. Embora de ocorrência extremamente rara, essa descrição remete ao quimerismo, alteração genética causada pela fusão de células de embriões, resultando em um indivíduo que, por ter dois genótipos, pode manifestar dois fenótipos diferentes.

Para a ciência existem duas espécies: *Panthera onca*, nomeada popularmente como onça-pintada, pintada, onça-preta, jaguar, jagaretê, e *Puma concolor*, que tem entre seus nomes populares



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

onça-parda, onça-vermelha, suçuarana, puma, leão-baio. São espécies de distribuição ampla, e apresentam diferenças morfológicas regionais, principalmente no tamanho do corpo e peso. *P. onca* já teve oito subespécies descritas (Seymour, 1989), mas análises genéticas e morfológicas mais recentes não corroboraram a existência de subespécies (Eizirik *et al.*, 2001: 76-77). *P. concolor* já teve dezenas de subespécies descritas, no entanto análises genéticas sugerem a validade de apenas seis (Culver *et al.*, 2000: 196). É interessante notar que espécies e subespécies são conceitos fluidos, que são construídos e desconstruídos à medida que avançam os estudos, as técnicas e o número e abrangência geográfica de espécimes analisados.

Tanto a descrição científica como a tradicional percebem tipos, variações dentro de um espectro do que é ser onça. Chegam a essas onças por intermédio de diferentes ferramentas e escalas: paquímetros, DNA, biogeografia, continentes, encontros, embates, histórias, florestas. Assim como Sússekind (2013: 8-9) discutiu a assimetria entre o conhecimento científico e o conhecimento dos pantaneiros com o cuidado de não assumir o multiculturalismo, e sim uma ontologia de geometria variável que permita a existência, em um mesmo plano, de uma onça medida e analisada e uma onça percebida e experimentada, acolhemos aqui todas as onças descritas, em suas múltiplas ontologias.

“O contraste neste caso é entre um conhecimento científico marcado pelos ideais de objetividade e um pensamento regido pela lógica do sensível. Há uma inversão da importância dada às qualidades sensíveis, como cor, textura, cheiro, etc, em relação à ênfase nas qualidades ditas “primárias” com os quais o pensamento civilizado, ou científico, trabalha. Ao pensarmos em um contraste entre a onça como objeto do conhecimento científico e a onça como objeto de um conhecimento local pantaneiro, vemos que a própria ideia de que ambos falam da mesma onça é suspeita, na medida em que a palavra “objeto” está ligada a uma ontologia naturalista que tende a reduzir a onça um recurso, algo que pode ser manejável, uma coisa.” (Sússekind, 2013: 9)

Onças e comportamentos considerados anedóticos

“Mecê carece de ter medo! Tem? Se ela urrar, eh, mocanhemo, cê tem medo. Esturra - urra de engrossar a goela e afundar os vazios... *Urrurrú-rrurrú...* Troveja, até. Tudo treme. Bocão que cabe muita coisa, bocão duas-bocas! Apê! Cê tem medo?” (Guimarães Rosa, 2001: 196)

Além das variedades de onças, também foram relatados comportamentos e ações que, ao não estarem incorporados ao saber científico, são tomados como anedóticos. Um desses casos, narrado

diversas vezes, foi o da onça-pintada no cio, que atrai além de vários machos de onça-pintada (até 12 indivíduos), outros felinos como a onça-vermelha e os gatos-maracajás (*Leopardus pardalis* e *Leopardus wiedii*). O encontro com onça-pintada no cio é tido como uma situação de perigo, onde os animais aparentam estar mais agressivos que o normal, mas curiosamente toleram a proximidade de felinos de outras espécies, e esses por sua vez não parecem temer as onças-pintadas. O barulho das vocalizações das onças nessas ocasiões pode ser ouvido de longe, e é descrito como assustador. Na fala do ribeirinho, em consonância com o trecho de Guimarães Rosa citado acima, “é tão forte que faz tremer a água do lago” (comunicação pessoal). Poucas publicações científicas tratam do comportamento reprodutivo de onças-pintadas de vida livre (Cavalcante & Gese, 2009: 943). Embora mencionem o aumento nas vocalizações e eventuais disputas entre machos, não há nada sobre grupos de felinos seguindo uma fêmea de onça-pintada no cio.

A capacidade das onças-pintadas de arremedar (imitar a vocalização) outros animais para atraí-los foi mencionada em algumas ocasiões. Em duas delas caçadores foram atraídos, ludibriados pelas onças que arremedavam uma anta e um jabuti. Uma senhora afirmou que onça arremeda nambú³⁹ para enganar e matar a ave. Outro relato foi sobre um filhote de onça-pintada de aproximadamente quatro meses que foi capturado e era mantido preso em uma jaula de madeira. O filhote arremedava macaco-prego. Em 2009 uma nota foi publicada descrevendo um gato-maracajá arremedando sagui (Calleia *et al.*, 2009: 32-33). Os autores testemunharam a cena, e na nota apresentaram uma tabela com 10 relatos “anedóticos” de felinos imitando suas presas. Sussekind (2014: 175-176), ao discutir a pouca atenção dada a relatos de comportamentos não cancelados pela ciência, menciona uma enciclopédia publicada em 1970 que cita esse método de caça das onças-pintadas.

Onça ataca gente?

“Perigosa. É sagaz e traiçoeira. Vem perto da gente que ninguém nem dá fé da pisada dela. Ela é tão macia que ela foge e ninguém vê pra onde ela foi.” (Comunicação pessoal, 2012)

39 Ave da família Tinamidae, também chamada de inhambú, de reconhecido valor cinegético.



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

A proximidade das onças provoca medo de um ataque, como se percebe na fala citada acima. Os ribeirinhos sabem que as onças costumam se afastar de pessoas, e que os ataques são raros. Mesmo raros, os ataques ocorrem e fazem parte do imaginário de quem vive na floresta. Nas entrevistas, 51% contaram já ter conhecido uma pessoa atacada por onça, e 27% já se sentiram ameaçados por uma onça (em um universo de 136 entrevistas). Na área das Reservas, foram relatados sete casos de ataques a pessoas⁴⁰. Nenhum dos casos foi fatal, em quatro deles a onça estava sendo perseguida e em três a onça atacou sem ser provocada pela vítima.

Em um desses ataques uma onça-pintada pulou de uma árvore para dentro da canoa de um homem que pescava no igapó, mordeu e arrancou um pedaço da sua bochecha e arranhou seus braços e tronco. Ele se livrou do ataque mergulhando no igapó e nadando para o fundo. Em transcrição da fala da vítima, ele contou que, ao relatar o caso para um biólogo, o mesmo não acreditou que o ataque não foi provocado. E teceu algumas impressões sobre a onça vista por ele e a onça vista pelos “de fora”:

“Foi fazer entrevista comigo lá na vila, ele tava falando, foi perguntar de mim como é que a onça me atacou, né? Eu, colega eu fui pescar, aí eu encalhei minha canoa assim no pau e tava pescando, só vi porque ela rosnou antes dela pular. Quando ela rosnou ela foi pulando, eu fui querer agarrar ela. De um lado eu agarrei assim de baixo do sovaco dela né? Se eu tivesse agarrado dos dois lados aqui de baixo do sovaco dela ela não tinha me ofendido. Mas por um lado eu agarrei e do outro lado eu me abracei com ela. Aí foi na hora que ela meteu a boca assim. Aí tá ele [biólogo]: “não, mas eu acho que você mexeu ela, porque ela se achou agredida, aí né?”. Pra lá vocês falam sempre que não tem mais [onça], não tem mais mata pô! A onça quando enxerga vocês de longe vai embora mesmo. Mas pra cá a mata é bruta. Pra cá que tá o perigo. (...) Basta dizer que é animal, pra ela atacar a gente, a gente não sabe a hora e nem o dia né? (...) Olha, tem gente que acha ela bonita né? Andando na mata... Dizer pra essa gente aí de fora que nunca viu, que quando eles virem um animal desse pra cá, é bonito. E é bonito pra qualquer um da gente também, de nós daqui. Agora, só que tem hora que ela... que a gente acha ela bonita mas ela num acha a gente, que é bonito não. Que ela quer comer, ela quer comer a gente.” (Comunicação pessoal, 2012)

40 Considerando apenas os casos em que a vítima foi ferida pela onça.



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

Após descrever o ataque, ele questiona a “certeza” do pesquisador de que a onça não atacaria se não fosse molestada, apoiado na ideia de que é preciso conviver com as onças, habitar a “mata bruta”, para conhecer suas agências. A compreensão sobre o valor estético do animal e do interesse dos “de fora” em observar uma onça é concomitante à compreensão do risco. Risco esse que vem de uma construção simples e pessoalmente vivenciada: onças comem carne e pessoas são feitas de carne.

Nem sempre casos de ataques de onça em áreas remotas ganham notoriedade, e mesmo quando ganham nem sempre são notificados como um ataque “oficial”. É chamado de um ataque oficial aquele que é confirmado por técnicos e que não foi “provocado” pela vítima (pode-se “provocar” um ataque ao ferir ou acuar deliberadamente uma onça, ou ao se aproximar de uma onça enquanto está se alimentando, acasalando ou protegendo sua cria). O primeiro ataque oficial no Brasil ocorreu em 2008, no pantanal, quando um pescador foi atacado e morto enquanto dormia em uma barraca de camping. Em 2010 outro ataque oficial, também no pantanal, foi registrado contra um menino de 16 anos que estava em um barco de pesca e foi mordido na cabeça por uma onça que saltou no barco. Pesquisadores investigaram os casos para buscar explicações para os ataques. Abaixo segue documento do CENAP/ICMBio (Centro Nacional de Pesquisa e Conservação de Mamíferos Carnívoros) e declarações de analistas ambientais do mesmo órgão sobre os dois casos:

“Os grandes felinos não têm como hábito natural atacar seres humanos. Desde que o ambiente onde vivam esteja equilibrado, a população humana mantenha o “limite” de contato com a vida selvagem, através da sua presença, mas mantendo a convivência harmoniosa, estes animais tendem a evitar qualquer contato com o homem e suas criações. (...) Registros oficiais de ataques de grandes felinos a seres humanos no Brasil são extremamente escassos. A grande maioria é caracterizado como “provocado” pelo ser humano e resultam em lesões superficiais nas vítimas. Outra parte, com causas duvidosas por faltarem informações confiáveis sobre as circunstâncias da ocorrência, podem também terem sido motivados por algum sinal de ameaça ao animal selvagem, recebendo a mesma categorização. O único ataque a humano comprovadamente “Não Provocado”, e letal, envolvendo uma onça-pintada, ocorreu em 2008. Em 2010 outro ataque, desta vez as informações apontam para uma ocorrência diferente,



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

provocada por uma situação que se instalou no local: a habituação de onças através de cevas⁴¹ com finalidade turística.” (ICMBio, 2011: 1)

“O alimento fornecido pelos seres humanos talvez sirva como parte da explicação dos dois ataques. No primeiro caso, é possível que tenha ocorrido uma ceva não intencional, pois a onça poderia ter sido atraída por restos de iscas que estavam na beira do rio. (...) No segundo, os guias de pesca aproximaram demais o barco ao barranco, justamente em um dos pontos em que a equipe do CENAP já havia localizado várias cevas.” (National Geographic Brasil, 2011)

Chama atenção a resistência dos especialistas em admitir a possibilidade de uma onça, carnívoro de topo de cadeia e capaz de matar animais bem maiores que ela, possa empreender um ataque contra uma pessoa para se alimentar. Campos Neto e colaboradores (2011: 133) analisaram os dois ataques sob o ponto de vista da medicina e concluíram que ambos foram predatórios, sendo que no primeiro o animal efetivamente se alimentou do corpo da vítima. Mesmo reconhecendo que as vítimas não provocaram os ataques, os analistas ambientais fazem um esforço argumentativo para explicá-los e garantir que a responsabilidade pelos mesmos seja, em última instância, atribuída aos homens. Também se nota que os casos de ataque não tornados oficiais pela chancela dos técnicos são tratados como duvidosos. Em buscas por notícias em jornais *online* foram identificados de 2008 em diante 17 casos de ataques⁴², sendo 14 empreendidos por onças-pintadas e três por onça-vermelha.

41 Ceva é uma complementação alimentar fornecida a animais silvestre com o objetivo de habituá-los a frequentar determinado lugar. É normalmente feita por caçadores. No caso das onças no pantanal a ceva era feita para aumentar a chance dos turistas avistarem os felinos.

42 Links das notícias de ataques de onças contra pessoas:

<http://www.diariodecuiaba.com.br/detalhe.php?cod=368490>, acessada em 5 de janeiro de 2015;
<http://g1.globo.com/mato-grosso/noticia/2014/03/vaqueiro-sofre-ataque-de-onca-em-fazenda-de-mt-e-e-salvo-por-caes.html>, acessada em 5 de janeiro de 2015; <http://g1.globo.com/mato-grosso/noticia/2012/01/foi-um-susto-diz-homem-que-levou-200-pontos-apos-ataque-de-onca.html>, acessada em 5 de janeiro de 2015;
<http://g1.globo.com/pr/parana/noticia/2012/07/laudo-confirma-que-idosa-de-86-anos-morreu-apos-ataque-de-onca.html>, acessada em 5 de janeiro de 2015;

<http://g1.globo.com/pa/para/noticia/2012/09/justica-determina-pagamento-de-indenizacao-funcionaria-da-vale.html>, acessada em 5 de janeiro de 2015; <http://g1.globo.com/pa/para/noticia/2012/09/justica-determina-pagamento-de-indenizacao-funcionaria-da-vale.html>, acessada em 5 de janeiro de 2015;
<http://www.portalapui.com.br/index.php/amazonas/item/113-ataque-de-onca>, acessada em 5 de janeiro de 2015;



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

Os ataques reconhecidos oficialmente foram cinco, três de onça-pintada e dois de onça-vermelha (Morato, comunicação pessoal).

Em um grupo de discussão de pesquisadores, a notícia⁴³ de uma onça-pintada que atacou dois peões em uma fazenda no pantanal causou incredulidade. De acordo com a notícia os peões se aproximaram inadvertidamente da onça que estava se alimentando de uma carcaça. Pesquisadores afirmavam que os peões na verdade estavam caçando e a onça tentando salvar a própria vida, com base no repertório de ações que eles atribuem para peões pantaneiros e onças. O trecho abaixo, proferido por pesquisador que trabalha com conservação de onça-pintada no pantanal, deixa clara a assimetria nos discursos:

“Eu me baseio em fatos e posso dizer que onças evitam atacar humanos. Não quer dizer que nunca vão atacar, mas que é algo tão incomum que deveria ser desconsiderado. (...) O problema é superdimensionar algo que estatisticamente não existe!!! (...) acreditar que os ataques foram sem provocação/caça/perseguição não contribui em nada para conservação das

<http://oglobo.globo.com/brasil/agricultor-atacado-por-onca-pintada-no-amazonas-3032876>, acessada em 5 de janeiro de 2015; <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/767908-onca-ataca-e-fere-menino-em-pescaria-em-mato-grosso.shtml>, acessada em 5 de janeiro de 2015; <http://extra.globo.com/noticias/brasil/oncas-matam-pescador-no-pantanal-do-mato-grosso-532894.html>, acessada em 5 de janeiro de 2015; <file:///C:/not%C3%ADcias%20conflitos/Colono%20sobrevive%20ao%20ataque%20de%20on%C3%A7a%20no%20meio%20da%20selva%20acreana.htm>, acessada em 5 de janeiro de 2015;

<http://blogs.diariodonordeste.com.br/inhamuns/meio-ambiente/agricultor-luta-contr-a-onca-em-taua-e-mata-o-animal/>, acessada em 5 de janeiro de 2015;

<http://www.campograndenews.com.br/cidades/interior/trabalhadores-rurais-sobrevivem-a-ataque-de-onca-pintada-no-pantanal>, acessada em 5 de janeiro de 2015;

<http://noticias.terra.com.br/brasil/videos/indio-de-12-anos-e-atacado-por-onca-e-sobrevive,267530.html>, acessada em 5 de janeiro de 2015; [http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,ERT70387-16270-](http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,ERT70387-16270-70387-3934,00.html)

[70387-3934,00.html](http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,ERT70387-16270-70387-3934,00.html), acessada em 5 de janeiro de 2015;

<http://g1.globo.com/Noticias/Brasil/0,,MUL778306-5598,00.html>, acessada em 5 de janeiro de 2015; http://www.capitalnews.com.br/ver_not.php?id=53701&ed=Regional&cat=Not%C3%ADcias, acessada em 5 de janeiro de 2015.

43 Notícia publicada em 4 de agosto de 2014 na revista eletrônica Campo Grande News, disponível em <http://www.campograndenews.com.br/cidades/interior/trabalhadores-rurais-sobrevivem-a-ataque-de-onca-pintada-no-pantanal>, acessada em 8 de dezembro de 2014.



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

onças. (...) E dar ouvidos a histórias de onças perseguindo pessoas, sondando o ribeirão, só reforça o mito da besta comedora de pessoas. (...) Ser parceiro do ribeirão/pecuarista é essencial para conservação das onças, mas quem tem que aprender mais sobre onças são eles e não a gente. Não podemos ficar levando a sério mentiras e piorando ainda mais a imagem negativa que a onça tem na sociedade.” (Fórum de discussão científica, 2014)

O grande problema de admitir que uma onça possa vir a atacar uma pessoa, na visão dos pesquisadores, é reforçar o medo e a percepção negativa que moradores de áreas povoadas por onças em geral têm. Essa percepção negativa contribuiria com o aumento dos abates. Outra notícia publicada no sítio eletrônico da Secretaria de Estado de Justiça e Segurança Pública do Estado do Mato Grosso do Sul (SEJUSP) ilustra a maneira como os casos de ataques são tratados por técnicos.

“Os ataques de onças-pintadas a seres humanos são considerados casos isolados, conforme o capitão Ednilson Queiroz, biólogo e chefe de comunicação da Polícia Militar Ambiental (PMA). Ele explica que a legislação federal proíbe a caça aos felinos. “É crime ambiental caçar e matar onças. Elas só podem ser capturadas com autorização do órgão ambiental, em casos de extrema urgência, como, por exemplo, ataques constantes ao rebanho bovino em fazendas da região”, esclarece Queiroz. Segundo ele, o caso ocorrido com o fazendeiro Gregório Costa Soares, de 65 anos, que se feriu ao lutar com uma onça-pintada, é um “caso isolado”. A afirmação do capitão é referendada pelo pesquisador Fernando Azevedo, que coordena um projeto sobre onças pantaneiras na região de Miranda e Corumbá. Ele conta que já capturou 20 onças-pintadas e nunca foi atacado por elas. “As onças só atacam em duas situações, consideradas de defesa: quando está com filhotes e ou quando está se alimentando. Nesses casos o animal se sente acuado”, explica Azevedo.”(Benante, 2008)

Antes de falar sobre o ataque, o técnico esclarece que é crime matar uma onça. O pesquisador completa informando que onças só atacam ao se sentirem atacadas. Ao que parece todo esse cuidado é tomado, uma vez que esse ataque foi notícia, para não reforçar a visão negativa das onças na região.

Se os relatos de ataques considerados anedóticos ou fantasiosos pelos técnicos fossem acolhidos, o conhecimento sobre as onças e suas agências seriam expandidos de tal forma que um ataque não provocado seria visto tal qual um ribeirão vê: um acidente incomum mas passível de ocorrer com quem divide o território com onças.

Conhecimento científico soluciona o conflito?



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

A máxima “conhecer para conservar”, amplamente empregada e de grande importância para esforços em prol da conservação, pode ser mal utilizada quando se faz a leitura que a disseminação do conhecimento científico acerca de um tema por si só seja suficiente para “conscientizar” sobre a importância da sua conservação. No entanto, essa leitura é algumas vezes feita por cientistas, que ignoram o conhecimento local e despejam informações técnico-científicas, numa presunção de que antes do conhecimento científico não há conhecimento.

As entrevistas e conversas com os ribeirinhos em Mamirauá e Amanã sobre as onças demonstraram que informações básicas acerca da dieta e modo de vida das onças são bem conhecidas empiricamente. De fato, o conhecimento sobre a dieta das onças-pintadas, sobre a alta densidade populacional e o fato dos animais passarem o período da cheia nas árvores já eram amplamente conhecidos pelos moradores de Mamirauá antes que fossem “descobertos” por pesquisadores com auxílio das ferramentas da tricologia⁴⁴, armadilhas fotográficas e colares equipados com GPS (Ramalho, 2012).

Ao questionar os ribeirinhos sobre a utilidade ou função das onças, algumas respostas tinham relação com sua função ecossistêmica (como o controle de queixadas ou a “limpeza da mata” ao preda animais fracos ou doentes) ou importância para a conservação e o turismo. Mas muitos entrevistados não atribuíram nenhum valor à existência das onças, e dentre os que atribuíram valor, parte afirmou que “se Deus criou as onças elas devem ser importantes”. Já os cientistas, embasados em estudos sobre a função-chave desempenhada por predadores de topo de cadeia na estruturação de ecossistemas (Ripple *et al.*, 2014), atribuem grande valor ecológico às onças e consideram que os abates desses animais podem desencadear efeitos deletérios via cascata trófica. Uma visão mais ampla consideraria que os povos da floresta não estão extirpados da estruturação do ecossistema.

44 Estudo dos pelos de mamíferos, que permite identificação de espécie e/ou gênero pela análise microscópica de seus pelos guarda. Torna possível seguir a rede trófica das onças através das suas fezes.



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

O benefício do turismo científico de onças-pintadas revertido para os moradores de Mamirauá aponta para a importância atribuída ao conhecimento científico. Segundo as informações sobre o pacote turístico⁴⁵, as comunidades serão beneficiadas com uma escola sobre a onça-pintada:

“Esses recursos viabilizarão a criação da Escola da Onça-Pintada: para ensinar ciência e conservação ambiental às crianças das comunidades da reserva, a partir da pesquisa sobre a onça-pintada. Mais conhecimento sobre o comportamento dos animais é essencial para reduzir a caça e os conflitos entre onças e comunidades locais.”

Ou seja, acredita-se que o conhecimento científico passado para crianças vai, no futuro, prevenir que elas venham a abater onças ou identificá-las como uma ameaça. O Plano de Ação Nacional para a Conservação da Onça-pintada (ICMBio, 2013) destaca duas causas para abates de retaliação por perdas de animais de criação: a primeira é a desinformação geral do público sobre a biologia e ecologia da espécie e a segunda os prejuízos econômicos acarretados pela predação.

O discurso dos pesquisadores por vezes faz parecer que as soluções para os problemas na convivência com as onças envolvem em grande parte a produção de conhecimento científico e assimilação por parte dos que não o detêm, a despeito dos problemas práticos de convivência com esse animal. Incorporar o saber tradicional em estratégias de conservação pode fazer com que Deus e Encantados apareçam como atores importantes, ao dar uma função para as onças mais palatável para populações locais do que o fluxo de energia em florestas tropicais.

Onças demais ou onças de menos?

Ao conversar com os ribeirinhos sobre possíveis soluções para os problemas de predação de animais domésticos e aproximação das residências por onças, uma resposta recorrente foi o manejo. Assim como ocorre com o pirarucú e o jacaré-açu (Figueiredo, 2013; Marioni *et al.*, 2013), eles propõem uma forma de controlar o número de onças e ter algum benefício econômico com um abate controlado por cotas. Alegam que tem onça demais. Estudos sobre a abundância populacional de onças nas RDS Mamirauá e Amanã revelam uma densidade alta (Ramalho, 2012: 88; Rocha *et al.*, 2012: 74), mesmo com alta incidência de abates ilegais (Valsecchi, 2012: 136). Armadilhas

45 Disponível em: <http://uakarilodge.com.br/pt-br/jaguar/>, acessada em 12 de maio de 2015.



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

fotográficas, estimativas de densidade e a percepção dos ribeirinhos fazem a mesma leitura: tem muita onça em Mamirauá e Amanã.

A ciência classifica espécies ameaçadas de extinção em seis categorias (baixo risco, quase ameaçada, vulnerável, ameaçada, criticamente ameaçada e extinta na natureza), de acordo com critérios pré-estabelecidos por especialistas (IUCN, 2012: 4-21). A onça-pintada é classificada como quase ameaçada internacionalmente e no bioma amazônico, vulnerável no Brasil e no Estado do Pará e criticamente em perigo nos Estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, São Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro e Espírito Santo. Já a onça-parda é classificada como de baixo risco de extinção pela IUCN, vulnerável nas listas vermelhas do Brasil, Paraná, São Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro e Pará, e ameaçada no Rio Grande do Sul e Espírito Santo (IUCN, 2014; Brasil, 2014: 121; SEMA, 2006; Indrusiak & Eizirik, 2003; Margarido & Braga, 2004; Bressan *et al.*, 2009; COPAM, 2010: 7; Bergallo *et al.*, 2000; Mendes & Passamani, 2007: 37). A biologia da conservação classifica ainda as onças, em especial a pintada, como espécie chave, carismática, bandeira e guarda-chuva, o que significa que têm importância para a manutenção do equilíbrio dos ecossistemas, forte apelo para a causa conservacionista, conseguem mobilizar a opinião pública e atrair investimentos em conservação e sua proteção tem como consequência a proteção do habitat que ocupam e beneficiam várias outras espécies.

Além das classificações formais, que indicam à ciência que há pouca onça e que é importante conservá-las, o fascínio que esses animais provocam não raro influenciam e direcionam o fazer “objetivo e isento” dos cientistas. O controle letal, praticado em vários países como forma de manejar predadores que causam danos a populações humanas, é assunto tabu no Brasil (Macedo *et al.*, 2013: 144). Mesmo com a confirmação científica da alta densidade de onças e num cenário de muitos abates (ou seja, onde as onças já são manejadas ilegal e informalmente), o manejo reivindicado por ribeirinhos é impensável para quem trabalha com a conservação desses animais. Isso evidencia que *questões de fato* e *questões de valor* se embaralham no fazer científico, o que naturalmente é esperado, já que a ciência é praticada por pessoas. Mas para fazer ciência com política ao invés de ciência para subsidiar a política, os pesquisadores teriam que assumir que os fatos científicos não estão isentos dos valores dos cientistas, que os valores e fatos dos que convivem com onças devem entrar na

equação e que, enquanto houver controvérsia, é possível haver simultaneamente onça demais e onça de menos.

Discutindo as controvérsias

Apenas ao esgotar as controvérsias pode-se unificar o fato. Para isso é preciso substituir o fato real, único e indiscutível pela multiplicidade inerente às coisas. De acordo com Latour, para usar a teoria ator-rede como método é preciso “aprender a alimentar-se de incertezas, em vez de decidir de antemão como deve ser a aparência do conjunto de equipamentos do mundo” (Latour, 2012: 169-171).

Os relatos dos ribeirinhos revelam sua relação com as onças, quando narram sobre animais domésticos predados, caçadas, encontros, sustos, e também sobre a ação das onças, com seus pulos, movimentos de orelhas e cauda, andar silencioso, esturro estrondoso e bote certo. Para além dessa relação direta, o discurso de pesquisadores e ambientalistas acrescentam controvérsias, ao negar ou considerar anedóticos os relatos dos ribeirinhos, e agem através de leis, notícias, fomento à pesquisa, turismo, pautando a opinião pública, etc.. O discurso científico inclui mapas, densidades, viabilidade de populações, variabilidade genética, uso do espaço via colares equipados com GPS, capturas por armadilhas fotográficas, entre outros dados sofisticados que revelam detalhes das onças enquanto objeto de pesquisa. Como alinhar esses discursos que narram a onça experimentada e vivida e a onça observada e medida, e incluir essas controvérsias em um único texto?

A controvérsia central está no conflito de interesses entre os atores humanos. Os ribeirinhos dependem da floresta para tirar parte considerável de seu sustento (pesca, caça e extrativismo), e as onças competem pela caça, subtraem animais domésticos, que em geral são criados para servir de fonte de proteína e renda e causam sensação de insegurança. A competição entre onças e povos da floresta, que remonta aos primeiros habitantes humanos nas Américas, é agora mediada por leis, estratégias de conservação e uma opinião pública preservacionista. Mas esses mediadores, embora se debrucem sobre o conflito com grandes pecuaristas, não consideraram os ribeirinhos nem ofereceram solução para o problema prático dele - a competição com onças. Essa competição continua resultando em onças abatidas em retaliação aos problemas advindos da convivência com esse animal. Mas agora o ribeirinho está infringindo a lei, e, portanto sujeito às suas penas, e é condenado e estigmatizado



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

por seus atos. Conservacionistas por sua vez, conhecem a fundo os problemas enfrentados pelas onças e desconhecem ou desconsideram as dificuldades enfrentadas pelos ribeirinhos.

Descola (1998: 25-29) pontuou que movimentos ambientalistas muitas vezes percebem o modo de vida de populações autóctones como danoso, em especial no que se refere à caça, o que pode influenciar políticas públicas que cerceiem o acesso desses povos aos recursos naturais. O pano de fundo dessa controvérsia seria a percepção do mundo segundo a ótica da divisão modernista, onde há diversas culturas e uma natureza imutável, que deve ser tutelada e cuidada, contra uma visão de mundo multinaturalista, onde a natureza não está dada, assume ontologias variadas e, por ter autonomia, agência e alteridade, não é tutelada por humanos.

Assumir a controvérsia dos discursos exige um esforço metodológico, já que vai de encontro ao que habitualmente se faz na construção do conhecimento científico. Para empreender esse esforço, assumir esse método, é preciso reforçar que as questões e as dúvidas devem ser mais valorizadas que as respostas e as certezas, que os processos são mais importantes que o fim e que as controvérsias devem ser evidenciadas.

O passo além do fazer tradicional das ciências naturais talvez se dê pela adoção da simetria dos discursos. É sabido que relações conflituosas com a fauna podem se intensificar quando as populações locais afetadas percebem que é dada prioridade para a conservação em detrimento das suas necessidades e valores, e quando elas não são adequadamente envolvidas na busca de soluções para os problemas advindos da convivência com animais silvestres. E que, em muitos casos, o dano material, como a predação de animais domésticos, não é a única motivação para que haja perseguição e abates, há que se avaliar outros aspectos de cunho cultural e social (Marchini, 2014: 198). Dito isso, fica claro que o diálogo simétrico e o trabalho conjunto entre os atores humanos são peças-chaves para a questão do conflito. No entanto, o que se observa analisando publicações científicas e de divulgação sobre o tema é que a maior parte dos profissionais que trabalham com conservação de felinos no Brasil ou não põem em prática esses preceitos, ou os põem de forma acentuadamente assimétrica.

O relato do morador da floresta traz elementos incompatíveis com o repertório científico, como onças no cio sendo acompanhadas por gatos-maracajás e espécies de onças não descritas pela ciência. O discurso conservacionista traz “certezas” que não cabem no cotidiano da floresta, como a



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

afirmação que onça não ataca gente se não provocada ou que onças estão criticamente ameaçadas de extinção. O fato dos discursos serem incompatíveis não pode fazer com que um anule o outro. Apresentar essa controvérsia sem dar pesos diferentes aos discursos evidencia a onça como um ser de ontologia múltipla e destaca que a composição de um mundo comum (Latour, 2004) deve abarcar os discursos dissonantes e suas diferentes ontologias.

Para incluir o discurso e os mundos vividos dos ribeirinhos na composição do mundo comum é preciso que suas proposições sejam levantadas, bem articuladas e propagadas. Para por essa tarefa em curso, o discurso dos ribeirinhos deve ser exposto a órgãos ambientais, gestores, pesquisadores e a opinião pública para dar início à consulta e discussão, que pode ao fim incluir as demandas no coletivo e influenciar políticas públicas, ou continuar tratando o problema como uma externalidade, um mal necessário para a conservação das onças. Na prática, levar as onças (proposições) dos ribeirinhos ao parlamento das coisas envolve fazer com que suas queixas e demandas cheguem a gestores e analistas ambientais locais, de forma a por em movimento discussões sobre a relação com as onças e a pertinência das suas reivindicações no coletivo (Latour, 1994, 2001). Essa prática foi incentivada durante reuniões feitas no ano de 2013 com os moradores nas RDS Mamirauá e Amanã, onde também foram expostas e debatidas as proposições científicas/conservacionistas. Também faz parte de expor as proposições dos ribeirinhos levá-las a fóruns de discussão em ciência, conservação, gestão ambiental e políticas públicas, via publicações científicas e de divulgação e palestras. Nas ocasiões onde isso se deu, as proposições, uma vez expostas e bem embasadas, são assimiladas por parte do público e causam estranheza e desconforto em outra parte. O que é compreensível, uma vez que o discurso não científico dentro da academia, sobretudo nas ciências naturais, ainda carrega com frequência o rótulo de anedótico⁴⁶, e a contestação de proposições científicas amplamente aceitas por meios que não cumpram as etapas do método científico não tem aceitação imediata.

Dutra e Santos (2014), ao analisar a relação entre os índios Miranha, o boto-vermelho e estratégias de conservação, apontam caminhos possíveis para a promoção do diálogo entre saberes e da aceitação de múltiplas ontologias, ao discorrerem sobre o *Inia geoffrensis* e o boto encantado.

46 Ou, condescendentemente, atribuem o prefixo etno (etno-botânica, etno-zoologia, etno-ecologia, etc.) para deixar marcada a diferença.



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

“A grande questão envolvida na promoção de um diálogo não está na ideia de que primeiro seria necessário “conhecer a realidade” das populações com as quais se trabalha, mas de que maneira os conhecimentos destas podem ser colocados em diálogo com as ciências que subsidiam as iniciativas de conservação. Em primeiro lugar a construção dessa possibilidade exige que cientistas e educadores se coloquem na posição de aprendizes no entendimento de como as populações amazônicas concebem seu mundo vivido e se relacionam com os diversos objetos das ciências da conservação. Essa possibilidade exige também um tratamento simétrico dos diferentes regimes de conhecimento, visando não reduzir o saber dessas populações ao status de “lendas” ou “crenças”.” (Dutra & Santos, 2014)

Perpassando as experiências dos atores envolvidos, as onças ora são ameaçadas e ora são ameaça. Se os discursos forem mutuamente assimilados, será possível assumir a multiplicidade ontológica das onças, que passam a ser ao mesmo tempo ameaça e ameaçadas. Essa mudança de perspectiva teria reflexo na maneira de lidar com a relação ribeirinho-onça, deixando de lado os rótulos de vítima e algoz, adotando a democracia no fazer científico.

Referências bibliográficas:

- AMÂNCIO, C. G. *et al.* Compreendendo populações locais para facilitar a conservação da onça-pintada no Pantanal, Brasil. *Anais do V Congresso Brasileiro de Unidades de Conservação*, Foz do Iguaçu, PR, 2007.
- BENANTE, D. *Ataques de onças são casos isolados, alerta PMA*. Notícia vinculada em 06 de agosto de 2008 no [sítio eletrônico da SEJUSP](http://www.sejusp.ms.gov.br/index.php?templat=vis&site=148&id_comp=1386&id_reg=37921&voltar=home&site_reg=148&id_comp_orig=1386), 2008. Disponível em: http://www.sejusp.ms.gov.br/index.php?templat=vis&site=148&id_comp=1386&id_reg=37921&voltar=home&site_reg=148&id_comp_orig=1386, acessada em 04 de janeiro de 2015.
- BERGALLO, H. G., *et al.* *A fauna ameaçada de extinção do Estado do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Editora Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2000.
- BRASIL. Lista Nacional Oficial de Espécies da Fauna Ameaçadas de Extinção. *Diário Oficial da União*. Brasília: Portaria 444, n. 245 de 18 de dezembro de 2014, p. 121-126, 2014.
- BRESSAN, P. M.; KIERULFF, M. C. & SUGIEDA, A. *Fauna ameaçada de extinção no estado de São Paulo: vertebrados*. São Paulo: Fundação Parque Zoológico de São Paulo/ Secretaria do Meio Ambiente, 2009.



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

CALLEIA, F.; ROHE, F. & GORDO, M. Hunting strategy of the Margay (*Leopardus wiedii*) to attract the Wild Pied Tamarin (*Saguinus bicolor*). *Neotropical Primates*, 16:32-34, 2009.

CAMPOS NETO, M. F. *et al.* Attacks by Jaguars (*Panthera onca*) on Humans in Central Brazil: Report of Three Cases, with Observation of a Death. *Wilderness & Environmental Medicine*, 22: 130 –135, 2011.

CAVALCANTI, S. M. A.; GESE, E. M. Spatial Ecology and Social Interactions of Jaguars (*Panthera onca*) in the Southern Pantanal, Brazil. *Journal of Mammalogy*, v. 90, n. 4, p. 935-945, 2009.

COPAM. Lista das Espécies da Fauna Ameaçadas de Extinção no Estado de Minas Gerais. *Diário do Executivo – Minas Gerais* – 04/05/2010. Belo Horizonte: COPAM, 2010.

CULVER, M. *et al.* Genomic ancestry of the American puma (*Puma concolor*). *Journal of Heredity*, 91: p. 186-197, 2000.

DESCOLA, P. Estrutura ou sentimento: a relação com o animal na Amazônia. *Mana*, 4, p. 23-45, 1998.

DUTRA, J. C. O.; SANTOS, R. B. Experiências de encantamento e a relação dos Miranha do Cuiú-cuiú com os botos vermelhos (*Inia geoffrensis*). *Uakari*, p. 1–30, 2014.

EIZIRIK, E. *et al.* Phylogeography, population history and conservation genetics of jaguars (*Panthera onca*, Mammalia, Felidae). *Molecular Ecology*, 10: 65-79, 2001.

FIGUEIREDO, E. *Biologia, conservação e manejo participativo de pirarucus na Pan-Amazônia*. Tefé: IDSM, p. 278, 2013.

ICMBIO/CENAP. 2011. *Ataques de onça-pintada a humanos no pantanal norte: avaliação das causas e consequências à população silvestre e humana*. Disponível em: http://www.icmbio.gov.br/portal/images/stories/oquefazemos/proj_apoiados/resumo_pr/objeto_306.pdf
Acessado em 12 de dezembro de 2014

ICMBIO. *Plano de ação nacional para a conservação da onça-pintada*. Brasília: Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade, ICMBio, 2013.

INDRUSIAK, C.B.; EIZIRIK, E. Carnívoros. In: C.S. FONTANA, G.A; BENCKE, R.E. REIS, (org.). *Livro vermelho da fauna ameaçada de extinção no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Edipucrs. p. 507-533, 2003.

INSKIP, C.; ZIMMERMANN, A. Human-felid conflict: a review of patterns and priorities worldwide. *Oryx*, v. 43, p. 18–34, 2009.

IUCN. 2014. *IUCN Red List of Threatened Species - Version 2014.3*. Disponível em: <http://www.iucnredlist.org>. Acessado em 10 de dezembro de 2014.



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia
Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

IUCN. 2012. *IUCN Red List Categories and Criteria: Version 3.1*. Second edition. Gland, Switzerland and Cambridge, UK: IUCN. iv. pp. 32.

LATOUR, B. *Jamais fomos modernos: ensaio de antropologia simétrica*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1994.

LATOUR, B. *A Esperança de Pandora – ensaios sobre a realidade dos estudos científicos*. Bauru: EDUSC, 2001.

LATOUR, B. *Políticas da natureza- Como fazer ciência na democracia*. Bauru: EDUSC, 2004.

LATOUR, B. *Reagregando o social – uma introdução à teoria do Ator-Rede*. Salvador: Edufba, 2012.

LIMA-AYRES, D. *The social category caboclo: history, social organization, identity and outsider's local social classification of the rural population of an Amazonian region*. Tese de Doutorado, Universidade de Cambridge, Cambridge, 1992.

MACEDO, J. *Ameaça ou ameaçada? A relação entre onças e moradores das Reservas de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá e Amanã na Amazônia*. Tese de Doutorado, Programa de Pós Graduação em Meio Ambiente, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2015.

MACEDO, J.; BRANQUINHO, F.; BERGALLO, H. A rede sociotécnica na relação entre ribeirinhos e onças (*Panthera onca* e *Puma concolor*) nas Reservas de Desenvolvimento Sustentável Amanã e Mamirauá no Amazonas. *Desenvolvimento e Meio Ambiente*, 35: 287-303, 2015.

MACEDO, J. *et al.* Conflito entre felinos silvestres e populações tradicionais na Amazônia. In: J. C. MACHADO (ed.). *Animais na sociedade brasileira - práticas, relações e interdependências*. Rio de Janeiro: e-papers, pp. 117–162, 2013.

MARCHINI, S. *Human dimensions of the conflicts between people and jaguars (Panthera onca) in Brazil*. Tese de doutorado, Department of Zoology, University of Oxford, 2010.

MARCHINI, S. 2014. Who's in Conflict with Whom? Human Dimensions of the Conflicts Involving Wildlife. In: VERDADE L. *et al.* (ed.), *Applied Ecology and Human Dimensions in Biological Conservation*. Springer-Verlag Berlin: Heidelberg. p. 189-209, 2014.

MARGARIDO, T.C.C.; BRAGA, F.G. Mamíferos. In: MIKICH SB, BERNILS RS (org). *Livro vermelho da fauna ameaçada no estado do Paraná*. Governo do Estado do Paraná (IAP, SEMA), Curitiba, p. 27-137, 2004.

MARIONI, B.; BOTERO-ARIAS, R.; FONSECA-JÚNIOR, S. Local community involvement as a basis for sustainable crocodilian management in Protected Areas of Central Amazonia: problem or solution? *Journal of Tropical Conservation Science* v. 6, n. 4, p. 484-492, 2013.



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

MENDES, S.L.; PASSAMANI, M. *Livro Vermelho das Espécies da Fauna Ameaçada de Extinção no Estado do Espírito Santo*. Vitória: IPEMA, 2007.

NATIONAL GEOGRAPHIC BRASIL. 2011. “Linha de perigo - Os cientistas querem saber por que as onças estão atacando seres humanos no Pantanal”. *National Geographic Brasil*. Edição 140, novembro de 2011.

QUAMMEN, D. *Monstro de Deus – feras predadoras: história, ciência e mito*. Companhia das Letras, São Paulo. p. 441, 2007.

RAMALHO, E. *Jaguar (Panthera onca) population dynamics, feeding ecology, human induced mortality, and conservation in the várzea floodplain forests of Amazonia*. Tese de doutorado – Universidade da Florida, p. 195, 2012.

RIPPLE, W. J. *et al.* Status and ecological effects of the world’s largest carnivores. *Science*, v. 343, n. 6167, p. 242-248, 2014.

ROCHA, D.G.; RAMALHO, E.E.; NASSAR, P.M. Amostragem preliminar da fauna na Reserva de Desenvolvimento Sustentável Amanã com armadilhas fotográficas. Livro de resumos do 9º Seminário Anual de Pesquisa do IDSM. Tefé: IDSM/CNPq, p. 124, 2012.

ROSA, João Guimarães. Meu tio o Iauaretê. In: *Estas Estórias*. 5ª Edição. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

SEMA - PA. *Relação das Espécies Ameaçadas do Estado do Pará*. 2006. Disponível em: <http://www.sema.pa.gov.br/2009/03/27/9439/>. Acessado em 19 de novembro de 2014.

SEYMOUR, K.L. *Panthera onca*. In: *Mammalian Species*, v. 340, p. 1-9, 1989.

SÜSSEKIND, F. A onça e a memória. *Carbono, Natureza, Ciência e Arte*, v. 3, p. 1-10, 2013.

SÜSSEKIND, F. *O rastro da onça – relações entre humanos e animais no Pantanal*. Rio de Janeiro: Editora 7 Letras, 2014.

VALSECCHI, J. *Caça de animais silvestres nas Reservas de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá e Amanã*. Tese de doutorado. UFMG. Belo Horizonte, p. 146, 2012.